

DARNTON, ROBERT. *POESIA E POLÍCIA: REDES DE COMUNICAÇÃO NA PARIS DO SÉCULO XVIII*. [TRAD. RUBENS FIGUEIREDO]. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2014.
Mariana Albuquerque GOMES¹

Mais uma vez, o historiador norte-americano Robert Darnton retorna a um tema que lhe é caro: a literatura sediciosa. Formado em Oxford, fundador do programa Gutenberg-e, Darnton foi professor de História europeia na Universidade de Princeton e, atualmente, é diretor da Harvard Library. Seus trabalhos, voltados para a área da História Cultural, apresentam substanciosas reflexões, principalmente, em dois âmbitos que não se apresentam apartados em suas análises: um, acerca da relação entre impressos, leitores e leitura; e outro, acerca das possíveis relações entre o Iluminismo e a Revolução Francesa, a partir de aspectos da cultura literária no período pré-revolucionário.

Com uma vasta bibliografia produzida, o historiador demonstra seu apreço aos estudos da cultura literária do século XVIII francês, sobretudo, ao realizar um esforço analítico verticalizado das documentações de arquivos das quais dispõe –

¹ Doutoranda em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2017) – mail: mariana.albuquerque.gomes@gmail.com

por vezes, recaindo sobre um mesmo arquivo, que se desdobra em mais de um estudo. A leitura interpretativa que Darnton emprega em seus trabalhos está relacionada à sua aproximação com a antropologia – em especial a de Clifford Geertz², com a qual o historiador dialogou diretamente em seu trabalho *The Great Cat Massacre and Other Episodes in French Cultural History*, publicado em 1984. À luz dessa perspectiva de interpretação da cultura, o historiador constrói o seu *Poesia e polícia* em uma nova leitura que foi se reestruturando a partir das críticas³ e através das últimas décadas.

Esse livro é um exemplar da pesquisa que articula dois temas que se entrecruzam ao longo da história, a literatura e a justiça. Ao desenhar as relações estabelecidas entre ambas através de uma narrativa investigativa que parte do arquivo policial sobre uma rigorosa operação, em meados dos anos de 1749, para localizar e apreender uma série de poemas que faziam injúria ao rei de França, Luís XV, Darnton ilumina as redes de comunicação existentes na Paris setecentista. O registro policial do *L’Affaire des Quatorze*, como ficou conhecido o caso em referência ao número de pessoas detidas no decorrer da investigação policial, é o fio condutor do historiador em seu esforço de reconstrução das redes de comunicação e das ligações entre justiça e literatura presentes no caso.

Como em um labirinto, Darnton se move através dos múltiplos meios de difusão dos seis poemas sediciosos, analisando o modo como esses circulavam na sociedade semialfabetizada parisiense do Setecentos. Para tal feito, ele considera ser importante recuperar, para além da dimensão escrita, a dimensão oral dessa comunidade, uma vez que a comunicação não está restrita ao âmbito escrito e, nesse sentido, para se considerar fazer uma história da comunicação, seria necessário “reconstituir seu mais destacado elemento perdido” (DARNTON, 2014: 8), que é a oralidade. Seguindo fios e rastros – para utilizarmos palavras do vocabulário da proposição indiciária do historiador italiano Carlo Ginzburg, da qual Darnton se aproxima –, o pesquisador norte-americano insere os seis poemas em uma trama – fragmentária – da oralidade, pois como alerta, ainda que elemento perdido, é possível, em alguns casos, identificar permanências, resquícios, indícios deixados pelas trocas orais.

No caso dos poemas do *affaire*, esses deixaram pistas da sua musicalidade em seus primeiros versos, que se assemelhavam sonoramente a letras de melodias antigas, a partir das quais Darnton recuperou, de modo parcial, a experiência oral em um suplemento áudio-eletrônico⁴ que possibilita entrever “como as mensagens eram moduladas pela música, transmitida pelas ruas e transportada dentro da cabeça dos parisienses” (DARNTON, 2014: 10). Ao longo de todo o percurso, ele

² A análise de Darnton se aproxima do método da “descrição densa” proposto por C. Geertz (1973).

³ A publicação de *The Great Cat Massacre* promoveu um diverso debate no campo da História. Dentre os críticos à obra de Darnton, estiveram os historiadores R. Chartier (1985), G. Levi (1985) e D. LaCapra (1988).

⁴ HARVARD UNIVERSITY PRESS: Disponível em: <<http://www.hup.harvard.edu/features/poetry-and-the-police/>>. Acesso em: 27, abril, 2017.

demonstra a circulação de textos na Paris setecentista, destacando a relevância da memorização e da musicalidade como meio de difusão de informação daquela época e traçando os fios das redes de comunicação estabelecidas.

Com vistas a preencher algumas lacunas dessa trama fragmentada, os capítulos se apresentam através da interpretação de Darnton, que segue os fluxos narrativos dos inquéritos escritos pela polícia parisiense, ou seja, as interpretações realizadas por essa instância da justiça acerca dessa literatura sediciosa. Sempre referenciando as trocas orais e as dimensões políticas da sedição literária, o historiador reconstitui o processo criminal, seguindo o desenvolvimento do caso: perseguindo os poemas, chegando a seus distribuidores e os inquirindo, indo das ruas do *Quartier Latin* aos salões de *Versailles*, até as consequências sofridas pelos acusados e a recepção – através de diários de memórias – dos poemas.

Assim, o primeiro capítulo, “Policinando um poema”, introduz o *affaire*, a partir do poema que o originou, seguindo o cruzamento desse com mais outros cinco poemas, explicando a formação dos dossiês gerados com cada prisão efetuada, mapeando as redes de comunicação e o rumo da transmissão, bem como os padrões de difusão – cópias dos poemas e memorização desses. O terceiro⁵, “Uma rede de comunicação”, apresenta o diagrama elaborado pelo autor com indicação mínima do esquema de distribuição dos poemas e o retrato de um segmento significativo do circuito de informação – as camadas médias da sociedade parisiense –, recuperando a constituição da rede e os modos de transmissão.

No capítulo 4, “Perigo ideológico?”, Darnton se defronta com uma das questões principais de seus estudos, as possíveis relações entre o movimento revolucionário de 1789 e as ideias iluministas. Através de uma ligação – documentada nos dossiês – de Turgot e de Diderot com o *affaire*, o historiador questiona se haveria alguma conexão entre os poemas sediciosos, as ideias iluministas e a Revolução. Ao que o próprio responde que é possível identificar um “sopro de Iluminismo”, embora nenhum teor revolucionário incipiente. No fim do capítulo, ele retoma o diagrama para apontar que nele faltam dois elementos fundamentais: a elite, situada acima dessas camadas médias da sociedade, e o povo, abaixo dela.

Nesse sentido, o capítulo 5, “Política da Corte”, traz as questões políticas internas da Corte, os jogos de poder e as lutas por ele no seio desse sistema político. Já o capítulo 7, “Uma dimensão ausente” – intercalado pelo capítulo 6, que narra as condições dos prisioneiros após sua soltura da Bastilha, denominado “Crime e castigo” –, apresenta as questões relativas à participação do povo e ressalta que isso não significa que a política estivesse se abrindo para uma participação ampla. Assim, Darnton alerta para que se evite o anacronismo em procurar ver em toda a expressão de descontentamento o sinal da chegada da Revolução. Não obstante, ainda nesse capítulo, o historiador recupera a dimensão pública do povo, tramando relações entre essa *voz pública*, a Corte e os poemas sediciosos.

⁵ Apresentaremos o segundo capítulo mais adiante junto à discussão acerca da opinião pública.

Ao falar em “voz pública”, o autor retoma um debate realizado no início de seu livro, no capítulo 2, “Um enigma”, sobre o problema teórico-conceitual acerca da “opinião pública”. Nesse capítulo, Darnton apresenta duas possibilidades teóricas de trabalhar com o conceito: uma foucaultiana, na qual a “opinião pública” deve ser entendida como uma questão de epistemologia e poder; outra habermasiana, na qual ela deve ser entendida numa perspectiva sociológica, simultaneamente à constituição da “esfera pública burguesa”. Entretanto, ele deixa em suspenso tal discussão conceitual, sem definir qual uso faz do termo. O caminho traçado pelo historiador para a análise de suas fontes e construção historiográfica da sua narrativa é outro.

Na construção hermenêutica, Darnton, através das fontes documentais e da contextualização, se aproxima da metodologia de Geertz. Ao abandonar a teorização, desarticulando tanto as perspectivas foucaultianas como as habermasianas – que poderia trazer mais riqueza ao texto –, o historiador recorre à exposição descritiva do *affaire* e dos poemas em interpretação cultural que muito se assemelha à etnográfica, na qual o historiador-antropólogo-detetive procura seguir a opinião pública “pelas ruas de Paris” (DARNTON, 2014: 19). No enlace de sujeitos – até então – desconhecidos, que em variados espaços compartilhavam poemas sediciosos, Darnton os reinsere, sujeitos e poemas, nas dimensões culturais e sociais amplas de seu contexto histórico.

Essa articulação entre micro e macro perpassa as análises de todo o livro e ganha destaque no capítulo 8, “O contexto mais amplo”. O capítulo 9, “Poesia e política”, traz as dimensões éticas da poesia, ao apresentar as estratégias retóricas do poema para comover os leitores e ouvintes, cujo *pathos* seria a indignação moral – a *indignatio* romana. Já os capítulos 10, 11 e 12, respectivamente “Canção”, “Música” e “*Chansonniers*”, discutem aspectos ligados à musicalização dos poemas, como o uso da melodia enquanto recurso mnemônico, e questões relativas às noções de versão e de autoria nos poemas e canções no Setecentos.

O capítulo 13, “Recepção”, e o capítulo 14, “Um diagnóstico”, apresentam uma análise mais detida dos diários do inspetor de polícia responsável pelo *affaire* para pensar a reação dos contemporâneos aos poemas e a noção de “opinião pública”. Segundo o autor, o inspetor D’Argenson não teria empregado o termo em questão, mas teria escrito sobre “os sentimentos do público”, “o descontentamento geral e nacional com o governo”, “o público descontente” para se referir a uma “forma papável capaz de afetar a política a partir de fora de Versailles”, atribuindo isso “ao ‘povo’ ou à ‘nação’, sem definir sua composição social” (DARNTON, 2014: 132). No capítulo 15, “Opinião pública”, Darnton, a partir das memórias do inspetor da polícia, dá continuidade às reflexões para elaborar sua própria interpretação da noção. O historiador traz, então, para construir sua leitura acerca da opinião pública na França setecentista, a percepção de um escritor do período, Louis-Sébastien Mercier.

Todavia, é importante sublinhar que a interpretação acerca da noção de “opinião pública” apresentada pelo historiador incorre no problema de que, ao olhar para o “comum” no *affaire* – isto é, para a prática sediciosa recorrente que perpassa todas as camadas sociais – perdem-se as diferenças sociais existentes, podendo dar a impressão de que todos estavam imersos nas críticas e injúrias ao rei. Ainda que Darnton chame atenção tanto para o fato de que a premissa da ênfase no “comum” seja passível de questionamento, quanto para o cuidado em não se estabelecer uma relação causal entre o *affaire*, as ideias sediciosas e a Revolução, ele não aprofunda nenhuma das duas discussões.

O capítulo de conclusão inicia com esse alerta sobre procurar não estabelecer conexão direta entre o caso estudado no livro e o movimento revolucionário. Em contraponto a essa perspectiva linear, Darnton propõe que se estude esse *affaire* “em si mesmo [...] como um dos raros incidentes que, se adequadamente exumados, revelam os determinantes subjacentes dos fatos” e que se compreenda como os acontecimentos narrados no caso “fluíam no interior de uma paisagem mental preexistente, composta de atitudes, valores e costumes; e se infiltravam nas redes de comunicação” e se corporificavam através de formas de expressão, como canções, baladas, versos, etc (DARNTON, 2014: 144).

Nesse sentido, *Poesia e Polícia*, longe de se preocupar com o referencial de 1789, busca reconstruir o sistema de comunicação existente na sociedade parisiense do século XVIII e recuperar os meios de difusão, pela palavra oral e escrita, da informação. Ao destacar a multivocalidade dos poemas do *L’Affaire des Quatorze*, Darnton recobra a dimensão da multiplicidade do signo e retoma a imagem do historiador-detetive que, através dos indícios existentes na teia de significados, busca compreender a cultura por meio de um trabalho hermenêutico de decifração de códigos compartilhados nas redes de conexões culturais:

A pesquisa histórica, em muitos aspectos, se assemelha ao trabalho de um detetive. [...] os detetives trabalham de modo empírico e hermenêutico. Interpretam pistas, seguem fios condutores e montam um caso até chegar a uma convicção [...]. A História, tal como a compreendo, envolve um processo similar de elaborar um argumento a partir de indícios [...]. (DARNTON, 2014: 146)

É assim que Robert Darnton se move no labirinto das redes de comunicação da França setecentista apreendidas nos documentos – sempre em sua condição fragmentária –, seguindo o *L’Affaire des Quatorze*, seu fio de Ariadne; o “fio do relato”, como nos fala Ginzburg, que ajuda a nos orientar e mover no labirinto da realidade e sua relação com os infindáveis rastros deixados pelo passado (GINZBURG, 2007: 7). Entre os fios do relato e os rastros do passado, nas teias

em que se entrelaçam literatura e justiça, Darnton narra as histórias de seis poemas sediciosos perseguidos pela polícia francesa no século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARNTON, Robert. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, C. *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.